
Um viajante no coração da África

GEBARA, Alexsander. *A África de Richard Francis Burton: antropologia, política e livre-comércio, 1861-1865*. São Paulo: Alameda, 2010.

*Mônica Lima e Souza**

Viajávamos pela Terra pré-histórica, uma Terra que tinha o aspecto de um planeta desconhecido. Era possível nos imaginarmos como os primeiros homens tomando posse de uma herança maldita, uma herança que precisavam domar ao preço de uma angústia profunda e de um labor infundável. (CONRAD, Joseph. *Coração das trevas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 58).

Conrad, na narrativa de seu personagem Marlow, descreveu com essas palavras suas impressões na viagem a bordo de uma embarcação em direção ao Congo – o *coração das trevas* – na famosa obra publicada nos últimos anos do século XIX. O viajante fictício tinha como inspiração a experiência do próprio autor, que, entre 1890 e 1891, capitaneou um vapor no rio Congo. Joseph Conrad, polonês de nascimento, foi um entre tantos outros europeus que se aventuraram pelos caminhos do continente africano naquele século. Às expensas de sociedades científicas, associações empresariais ou instituições governamentais, muitos partiram com a inspiração e a arrogância de desbravadores para, então, a remotos lugares da África e da Ásia. Os relatos de viagem que elaboraram serviriam de base para a formulação de estratégias e políticas que norteariam a atuação de grupos econômicos e governos europeus, os quais se

* Doutora. Especialista em História da África pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora de História da África e coordenadora do Laboratório de Estudos Africanos (LEÁfrica) do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

empenhavam em se assenhorear, seja direta, seja indiretamente, de parcelas daqueles promissores territórios. E mais tarde, no século XX, essas narrativas se tornariam fontes fundamentais para a escrita da história da África.

Richard Burton foi um desses viajantes, talvez o mais conhecido, talvez o que percorreu maiores distâncias e, sem dúvida, aquele que, a partir de diferentes lugares em que esteve e que ocupou, produziu a literatura de viagem mais extensa, densa e comentada da segunda metade do século XIX. No entanto, nem toda a sua produção escrita teve a mesma divulgação. Ficaram muito mais conhecidas suas viagens pelo Oriente, cujos aportes ganharam destaque até mesmo no subtítulo de uma de suas biografias, publicada no Brasil (RICE, Edward. *Sir Richard Francis Burton: o agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu o Kama Sutra e trouxe As mil e uma noites para o Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008). Vale lembrar que, além de autor de relatos de viagem, Burton, que aprendeu vários idiomas ao longo de sua trajetória, traduziu importantes obras da cultura oriental para o inglês. Suas qualidades incluíam um famoso talento para circular em meio à população local de forma que não fosse percebido como um estrangeiro e, assim, que pudesse fazer suas observações mais de perto. Apesar de inglês, a aparência física de Burton lhe facilitou, não poucas vezes, passar por alguém de origem árabe ou um afegão, em suas viagens. Todas essas histórias do excêntrico viajante, que entre outros cargos também foi nomeado Cônsul da Inglaterra no Brasil em 1865, não só lhe deram prestígio como fizeram seus escritos alcançarem um grande público no Ocidente. Ao mesmo tempo, ao longo do século XX, estudiosos no ambiente acadêmico inglês e estadunidense exploraram sua produção. No entanto, os relatos de viagem pelo continente africano ficaram entre os seus textos menos visitados pela academia.

Foi justamente a documentação referente às viagens de Burton à África que Alexander Gebara, historiador brasileiro, professor de História da África na Universidade Federal Fluminense, escolheu para analisar em seu livro. Nascida de pesquisa para a elaboração de Tese de Doutorado defendida na Universidade de São Paulo, a obra apresenta como eixo central de discussão o processo de produção do discurso ocidental – sobretudo, europeu – sobre os povos das áreas coloniais ou em processo de colonização, no século XIX. Segundo o autor, o conhecimento sobre o *outro* colonial foi se constituindo na mesma medida em que se dava a

própria expansão colonial, interagindo com as realidades locais. As iniciativas e ações empreendidas pelos africanos em face da entrada cada vez mais intensa das forças de ocupação europeias teriam assim contribuído para a construção das imagens que se formavam, no Ocidente, sobre a população nativa. Em outras palavras, e tomando como base o referencial teórico de Mary Pratt, cujo trabalho (*Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999) também é utilizado por Gebara, a formatação desse *outro* se dava, sobretudo, na “zona de contato” entre europeus e africanos.

Para o desenvolvimento dessas ideias expõe, desde o início, as preocupações de base num exercício dessa natureza, ou seja, de análise do discurso colonial (de Burton), situando, em relação à construção de representações sobre os povos colonizados, a discussão sobre os conceitos de Oriente e Ocidente, conforme as bases lançadas por Said (SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990) e desenvolvidas no trabalho de Williams e Chrisman de análise do discurso colonial (WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura (Eds.). *Colonial discourse and postcolonial theory: a reader*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1994). Dessa forma, traz como ponto de partida o debate sobre os diferentes locais de produção do conhecimento europeu sobre esse *outro*, sem deixar de considerar a violência que caracteriza o processo.

A escolha por analisar os textos de Burton, mais que qualquer outro viajante, esteve relacionada, segundo Gebara, por um lado, ao interesse e à capacidade que o viajante revela em transitar nessas regiões de contato cultural, de cruzar a fronteira colonial, colocando-se em situação próxima para observação dos habitantes locais. Juntam-se a essa qualidade a sua erudição, o fato de ter sido funcionário nomeado ao posto de Cônsul na baía de Biafra, além de participar de sociedades de geografia e antropologia inglesas. No entanto, a postura de Burton, expressa nos seus relatos, como ressalta o autor, demonstra que essas suas características não o aproximou dos africanos nem fez com que considerasse a igualdade – ou, ao menos, uma redução da desigualdade – como uma possibilidade desejável. Diferentemente do que pareceram outros grupos que conhecera na península arábica, nas décadas de 50 e 60 (séc. XIX), e que mereceram palavras de admiração e até mesmo certo reconhecimento de suas histórias e identidades. Em face dos africanos, o estranhamento de Burton se revelou absoluto. Os habitantes da África, aos seus olhos, deveriam ser civilizados a partir de uma intervenção direta europeia. Gebara nos

permite situar diferenças nessa percepção ao incluir em seu livro uma breve análise dos relatos de Burton em passagens pela Índia e Arábia, situando, assim, a estada africana a partir de uma visão de processo considerando sua trajetória de viajante por aqueles mundos.

Outro destaque na obra é trazer ao leitor os resultados de uma pesquisa que buscou cercar diferentes lugares de produção dos textos de Burton, incluindo não apenas seus relatos de viagem como seus artigos para revistas científicas, a correspondência oficial entre ele e o *Foreign Office* e suas correspondências pessoais. Cruzam, portanto, a sua análise do olhar do viajante inglês sobre as terras africanas, as considerações sobre o discurso científico no século XIX, a política e a atuação inglesa nas regiões da África que Burton visita e, em especial, uma análise dos interesses ingleses sobre a África ocidental. E, em conformidade com a postura conceitual assumida, Gebara apresenta não como pano de fundo, mas como cenário que muitas vezes conforma o discurso, o contexto africano que recebe, interage, influencia e dialoga com as representações criadas.

A estrutura do livro em suas diferentes seções, capítulos e itens, muitas vezes curtos, permite ao leitor seguir essa linha de pensamento ao mesmo tempo que percorre, por meio da narrativa fluida de Gebara, as rotas de viagem do personagem principal, já tendo antes conhecido o teor de suas bagagens culturais. Revela, também, as ambiguidades presentes nas análises de Burton, que deixa escapar, em determinados momentos, uma visão diferente daquela que pregavam seus financiadores e, em outros, reforça o discurso oficial da política inglesa, ora, como um Marlow, impiedoso em seu olhar sobre a realidade hostil para a qual só enxerga como alternativa a conquista e a dominação, ora um estudioso cheio de razões humanitárias e espírito civilizador. E, finalmente, Alexander Gebara não ignora a discussão sobre a questão racial sob o olhar de Burton, cuja escrita foi marcada pelo tom cada vez mais racializante do pensamento científico de seu tempo, mas que, ao mesmo tempo, se mostrava interessado em entender, descrever detalhadamente e analisar usos e costumes locais.

Estamos hoje num tempo em que se desenvolvem, de forma especialmente intensa, estudos sobre a África, no Brasil. Para tal contribui não apenas a legislação em vigor, que colocou esses conteúdos no rol das obrigatoriedades curriculares, como também o crescente interesse por uma melhor compreensão das realidades situadas fora do antigo primeiro,

e hoje em crise, mundo. Ainda assim, não poucas vezes se questiona por desconhecimento e, talvez, devido a certa parcela de preconceito, a viabilidade de se estudar a história da África no nosso país. Nesse sentido, torna-se ainda mais bem-vindo um livro como o de Gebara. Tratando de um tema amplo, pode ser lido a partir de diferentes focos de interesse, num variado leque que vai da própria história às ciências sociais em seus diferentes enfoques, passando pelos estudos de análise do discurso tão caros ao campo da linguística. E, ao realizar essa abordagem, trouxe não só as bases e as representações do viajante inglês Burton, mas a África e suas conjunturas no século XIX para o centro do debate – comprovando, assim, que os estudos sobre essa história contribuem decisivamente para se construir novas percepções sobre temas centrais nos debates acadêmicos contemporâneos.